

Quando o amor entre pais e filhos transborda: as relações fusionais e a clínica psicanalítica¹

When love between parents and children overflows: fusional relationships and the psychoanalytic clinic

Adriana Meyer Gradin*

Resumo

O presente artigo trata das *relações fusionais* e dos impasses no processo de separação-individuação de indivíduos que passaram a ocupar posições traumatogênicas no vínculo com seus genitores: a de parceiro amoroso substituto do pai ou mãe; a de melhor amigo ou confidente, sem a validação dos seus limites psíquicos; ou a de ponto de descarga de dejetos emocionais da vida adulta. Sustentamos que tais experiências precoces configuram um estado de privação e de abandono traumático e buscamos formular um pensamento clínico sobre como melhor escutar em análise os padecimentos decorrentes dessas relações e as saídas defensivas adotadas por tais analisandos ante os obstáculos na sua trilha da individuação.

Palavras-chave: Relações fusionais. Abandono traumático. Sedução silenciosa. Síndrome do incesto emocional. Terrorismo do sofrimento.

Abstract

This article deals with fusional relationships and the impasses in the process of separation-individuation of individuals who started to occupy traumatogenic positions in the bond with their parents: that of a substitute love partner for their father or mother, that of a best friend or confidant, without the validation of their psychic limits, or that of a point of discharge for emotional waste from adult life. This paper sustains that such early experiences configure a state of deprivation and traumatic abandonment, and we seek to formulate a clinical thought on how to better listen to the sufferings resulting from these relationships and the defensive solutions adopted by such individuals in front of these obstacles on their path to individuation.

Keywords: *Fusional relationships. Traumatic abandonment. Silent seduction. Emotional incest syndrome. Terrorism of suffering.*

1. Artigo inspirado na tese de doutorado da autora, intitulada *Quando o amor entre pais e filhos transborda – Um estudo sobre as relações fusionais*, perante a PUC/SP, orientada pelo Prof. Dr. Luís Claudio Figueiredo. Agradecimentos ao CNPq pela bolsa concedida, que vem auxiliando o estudo desta matéria.

* Psicanalista. Doutoranda em Psicologia Clínica no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Núcleo de Método Psicanalítico e Formações de Cultura. Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Núcleo de Método Psicanalítico e Formações de Cultura. Docente do Centro de Estudos Psicanalíticos (CEP/SP). Membro do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi (GBPSF). São Paulo, SP, Brasil. adygradin@terra.com.br

1 – Extravios no processo de individuação e separação

Para inaugurar a reflexão sobre relações simbióticas ou fusionais, podemos pensar inicialmente na imagem dos primeiros passos de um bebê para falar dos acertos e desacertos que podem ocorrer nessa trilha, dos encontros e desencontros entre pais e filhos.

Usando essa imagem metafórica para pensar em autonomia e simbiose, imaginemos uma mãe que acompanha seu filho de forma dedicada, frente a frente com ele, ensinando-o a andar sozinho. Seus gestos asseguram ao filho que ela está de braços abertos para ele, mas a mãe está suficientemente longe, permitindo que ele vivencie a experiência de não ser diretamente apoiado. Ela segue os movimentos do filho como se estivessem no mesmo compasso de uma dança, apesar de afastados por alguma distância. Quando ele se desequilibra, ela se inclina dando a entender que poderia segurá-lo, de forma tão sutil que a criança não chega sequer a perceber que está andando sozinha. Além da caminhada no mesmo ritmo, a mãe põe mais algo na cena: suas expressões de encorajamento e seu rosto materno que oferta uma recompensa. O olhar da mãe convoca então o olhar fixo da criança, como se entre os dois olhares houvesse um elo tão firme que fizesse com que a criança deixasse de se fixar nas dificuldades do caminho. O filho sente-se, assim, sustentado por esse cordão visual imaginário e apoiado em braços que não o estão efetivamente segurando. Apesar de lutar para chegar apressadamente ao aconchego do abraço da mãe, ele dá uma prova de que pode andar sozinho, e de que ainda precisa da mãe, mas também pode passar sem ela².

Podemos apreciar esse protótipo de caminhada feliz e bem-sucedida em que a conquista dos primeiros passos é um motivo de júbilo para ambos, mãe e filho, mas também podemos opor tal cena aos casos em que tal experiência, de algum modo, esbarra em obstáculos que travam o caminho da emancipação e da autonomia.

Sabemos que algumas mães enfrentam com intensa ambivalência o processo de locomoção de seus filhos e que, diante da percepção de que eles comecem a se lançar na descoberta do mundo e se distanciar do lugar simbiótico que ocupavam na relação dual mãe-bebê interrompem a caminhada do filho, abraçando-o precipitadamente ou carregando-o no colo em uma tentativa, muitas vezes inconsciente, de evitar o processo de autonomia.

2. Metáfora decorrente de uma releitura da imagem escolhida por Kierkegaard (1846, *apud* MAHLER, 1975/1993, p. 80).

Quando ocorrem conflitos no curso do processo de separação, há um declínio significativo no prazer da descoberta de rotas diferentes das já conhecidas; quando há relutância da mãe em renunciar ao contato corporal com seu filho e ela não consegue impulsionar a criança a adotar um passo autônomo; falta ao filho, muitas vezes, a capacidade e a coragem de se emancipar e há, em tais casos, uma eclosão da angústia de separação que pode acompanhá-lo indefinidamente.

Por outro lado, há aquelas crianças que conseguem estabelecer um contato qualificado à distância com suas mães nos seus primeiros passos e se sentem aptas a seguir a caminhada, apoiando-se nesse “elo” entre os olhares, que se afigura autorizador, apoiador e, além disso, incentivador de novas trilhas rumo à individuação.

Usando a metáfora da mãe-pássaro, que impulsiona o passarinho a tomar uma atitude autônoma e voar, essa ideia fica bem explícita nos estudos de Margaret Mahler (1975/1993, p. 87) sobre o processo de separação-individuação da criança, que envolve diversas subfases e se desenrola lentamente. A autora defende que a disposição da mãe deve incluir a possibilidade de soltar o filho, mas também a de dar-lhe “um leve empurrão”, dando-lhe coragem de se tornar um ser independente. Para Mahler, esta é a condição *sine qua non* para uma individuação saudável.

Na aquisição dos primeiros passos, que estamos invocando como um paradigma de várias outras conquistas e caminhadas no curso da vida do indivíduo, desde a mais tenra idade até a sua fase adulta, fica bem claro que a criança carrega a contradição de ser invadida por duas correntes distintas: a primeira é o impulso de se afastar e caminhar, mas também de ser seguida pela mãe e novamente carregada no colo; neste caso, se a mãe não segue a criança ou não investe seu olhar nela, a expectativa cai no vazio. A segunda corrente é o sentimento do *infans* de que pode ser engolido pela mãe e, assim, perder a chance de explorar o mundo. Ele sente desejo e medo; o desejo de explorar o mundo e também o de se unir ao objeto e o medo de se perder nessa unidade.

O que acontece, em termos psicopatológicos, quando a aquisição do “eu sou” acaba comprometida ou prejudicada pelo ambiente que não consegue fazer a função de ambiente facilitador e se torna ambiente patogênico? Quais as decorrências sintomáticas das variadas invasões, excessos, omissões e ataques do ambiente que circunda o indivíduo?

Sabemos que há a possibilidade de extravios no processo de individuação e autonomia de uma criança que derivam da posição que ocupa no seio da família. Como exemplo, podemos pensar em casos nos quais a mãe ou o pai di-

rigem-se à criança em busca de intimidade e companhia, lançando sobre ela expectativas que seriam depositadas em um parceiro amoroso. Há, ainda, outras situações nas quais o genitor posiciona o filho no lugar de amigo e confiante, sem validar os limites psíquicos da criança, sua idade e sua capacidade de suportar a exposição a segredos íntimos quanto à sexualidade materna ou paterna. Uma terceira possibilidade, também da ordem do extravio, é o posicionamento do genitor no lugar abusivo de pai crítico, fazendo da criança um ponto no qual é possível descarregar frustrações e raivas decorrentes da vida adulta³. Todas essas vivências distorcidas apontam para o esquecimento das necessidades da criança e podem ocorrer simultaneamente.

Para Ferenczi (1928/2011, 1929/2011), os pais podem gerar traumas na interação com o filho não apenas no âmbito do abuso sexual e do amor apaixonado, mas também com a falta de acolhimento, com o não atendimento às necessidades do bebê que chega ao lar e, ainda, com a imposição de exigências e expectativas demasiadamente pesadas para o psiquismo da criança. Disso se infere que, além de transgressões no campo sexual, o adulto pode provocar um trauma ao violar o que é emocionalmente esperado em um vínculo de proteção, educação e cuidados.

Alguns autores vêm tratando as relações fusionais entre pais e filhos como uma forma de “sedução silenciosa” (ADAMS, 2011) ou, de forma mais contundente, nomeando tais entrelaçamentos como “*síndrome do incesto emocional*” (LOVE; ROBINSON, 1991). Adams (2011) menciona casos em que meninas e meninos ocuparam o lugar de companheiros substitutos de suas mães e seus pais em virtude da falência da relação conjugal dos genitores, da solidão, dos problemas sexuais e de idealizações perdidas por eles na vida adulta. Em tais situações, os filhos passam a fazer parte do que o autor chama de uma relação incestuosa *camuflada* ou *encoberta*. Nesses casos, não se trata de situações em que ocorre abuso sexual em sentido estrito, nem há relações sexuais ou insinuações que envolvem toques e excitações corporais efetivas. As crianças são vítimas de relações “incestuosas” do ponto de vista psicológico e emocional.

Mesmo sem o toque com conotação sexual, a dependência psíquica que se instala em tais casos e os lugares ocupados por tais indivíduos na vida de seus pais ou mães acabam por deixar marcas traumáticas que se espriam na vida adulta deles, tais como a dificuldade de firmar relações amorosas

3. Essas posições são inspiradas na obra *The Emotional Incest Syndrome: what to do when a parent's love rules your life* (1991).

baseadas na intimidade e na entrega, a confusão quanto às suas próprias necessidades e desejos, além do uso de saídas defensivas pela via das compulsões ou adicções.

Como não há marcas de violência física, torna-se mais árduo se aproximar das origens do problema, sobretudo porque se trata normalmente de indivíduos que sofrem silenciosamente. São pacientes que experimentam violações aos limites próprios, cometidas em nome do amor e dos cuidados; um amor que é excessivo, que transborda, pois não pode ser recebido pelas crianças como nutridor, mas como um amor demandante e ensejador de culpa.

Love e Robinson (1991, p. 5-7) exemplificam tal laço fusional com o relato do caso da paciente Gwen, que alegou em análise que viera de uma família funcional; tinha pais que não bebiam, não se divorciaram, não batiam nos filhos e não brigavam. Gwen apresenta como motivo de sua busca minimizar a dor do seu divórcio. Conta que era muito próxima do pai – mais próxima do que a mãe dela era do próprio marido – e que ele a chamava de “Princesa”. Ela e o pai ouviam Mozart sentados no sofá e ele se orgulhava de como ela identificava a música apenas com algumas notas já aos doze anos; o pai a colocava para dormir e a despertava para tomarem café juntos; esquiavam juntos, corriam juntos e eventualmente iam a concertos, ao passo que a mãe e o irmão formavam outra dupla. O pai a esperava ansiosamente para lhe contar sobre o trabalho, seus planos e preocupações futuras. Aos olhos da analista, pareciam mais um casal feliz do que pai e filha. O pai era o seu melhor amigo e ela não tinha amigos de sua idade. Seu pai dizia-lhe que Gwen era mais inteligente que a mãe, que queria que a esposa tivesse o mesmo senso de humor dela e, muitas vezes, fazia tais elogios à filha e estabelecia tais comparações na frente da mãe, sem a poupar.

Ficava bem claro na escuta que, não encontrando o que procurava no casamento, o pai se dirigia à filha como um recurso disponível a resolver as suas necessidades emocionais, preenchendo um vazio interno quanto à própria vida, mas negligenciando assistir e atender às necessidades da filha e proporcionar a ela limites bem constituídos nessa fase. O pai dizia constantemente que no dia em que Gwen nascera, ele se apaixonara novamente. Contou isso à filha com lágrimas nos olhos, dizendo que jamais esqueceria aquele momento. Ela se sentia especial, poderosa e grandiosa em alguns momentos e, no resto do tempo, pequena, sombria, culpada e sem valor. Seu pai ficou devastado quando a filha seguiu para a Universidade e Gwen sentia-se sempre muito culpada por deixá-lo. Não entendia a razão de carregar tanta culpa quando se autorizava a viver um pouco a própria vida e se afastar do pai.

Esse caso nos revela, de forma paradoxal, que o excessivo interesse dos pais em tais filhos e filhas pode redundar em vivências prolongadas de privação em um âmbito muito profundo, além da sensação de estarem expostos e confinados, manipulados e controlados.

O uso da expressão *incesto emocional* pode parecer forte e deve ser feito cautelosamente, sendo aplicado por alguns estudiosos do tema quando há alto grau de fusão e emaranhamento entre um genitor e seu filho. Os defensores do uso desse termo entendem que se trata de *incesto* porque, assim como uma criança se mostra indefesa perante avanços sexuais dos pais, ela também não tem meios de se defender de um genitor emocionalmente invasivo.

Tais crianças têm um senso de culpa elevado e sua necessidade de conexão com os genitores é tão grande que o adulto tem controle total sobre o relacionamento. Por esse motivo, quando o genitor tira vantagem, inconscientemente ou não, do poder de que dispõe sobre a criança para satisfação das próprias necessidades emocionais, há uma violação do tabu quanto a essa intimidade e ao devido distanciamento físico, psíquico e emocional entre as gerações.

No caminhar da vida adulta e no processo de amadurecimento desse indivíduo, constata-se que não há privilégio em ter tido a sua infância usurpada para ocupar o lugar de parceiro substituto do ente parental, sobretudo em razão dos impactos nefastos na sua sexualidade futura, com limitação à capacidade de manter contatos afetivos íntimos. Como porta uma ferida profunda com consequências severas e duradouras, esse indivíduo carrega também um medo intenso de ser engolfado, além de ter experimentado muito precocemente afetos de culpa e obrigação de cuidados para com o adulto (dada a fidelidade à simbiose), o que o torna bastante refratário à ideia de compromisso.

Em tais casos, a criança experimenta uma vivência traumática, visto que o excesso de demandas adultas são opressoras dos trabalhos psíquicos infantis do brincar, do sonhar e do fantasiar porque têm a mesma conotação de um abandono que obtura a capacidade criativa no filho e sua curiosidade na descoberta do mundo. Como são priorizadas as necessidades do adulto e a relação não tem como pilares o amor e os cuidados ao filho ou filha, a experiência traz, além da carga do abandono, também uma culpa sufocante. Diante de tais casos, há a sensação de estarmos diante de uma promessa impagável, uma sina de redimir dores passadas do genitor e de ocupar um lugar de reparação em sua vida, que requer, quase sempre, que tais filhos nem cheguem a constituir suas identidades psíquicas e que deixem suas necessidades silenciadas em nome da ingrata missão.

Aparece a figura do traumático, mas essa faceta se encontra disfarçada e encoberta, por isso há de ser feito um longo percurso de simbolização do vivido até que se possa falar em acesso a uma narrativa. O que circula nessas relações é uma inversão de papéis e aquele que deveria ser cuidado acaba apassivado pela força do objeto, em uma dinâmica marcada por uma conotação exigente e vulnerável, ou amorosa e elogiosa, que faz com que a criança tenha aniquilada na origem a sua capacidade de enfrentar a pressão exercida pelo genitor. A sensibilidade do filho e os afetos que os enlaçam ao genitor anulam o reconhecimento de sua vontade própria e instala-se a submissão.

O grande complicador de tais casos é que o abandono traumático que se dá pela via do excesso “amoroso” decorrente de um vínculo fusional não é fácil de ser apreendido. Em geral, as memórias de tais indivíduos são marcadas pela ilusão e pela negação, vez que nesse vínculo experimentam a vivência de terem sido favorecidos e escolhidos em detrimento de outros. A sensação de serem usados pelo genitor como um parceiro substituto não aparece em análise como tal, já que são “vítimas” que não se sentem abusadas (como as vítimas do incesto aberto), mas sim, privilegiadas, o que faz desse laço algo com um potencial igualmente traumático. Nesses casos, a violação não fica explícita, porém aparecem as mesmas dinâmicas psíquicas referentes à culpa, além da vivência de uma condição de refém por parte de tais filhos.

Diz Ferenczi: “Se, no momento da fase da ternura, impõe-se às crianças mais amor, ou um amor diferente do que elas necessitam, isso pode acarretar as mesmas consequências patogênicas que a privação do amor” (1933/2011, p. 118). Nesses casos, aparece então essa privação de amor, dado o caráter traumático do abandono estendido no tempo quando a mãe ou o pai não têm condições psíquicas de assegurar um lugar de sujeito singular para seu filho ou filha, requerendo que a criança ocupe o indevido lugar de cuidador das necessidades adultas.

Para Love e Robinson (1991), esse comportamento parental é surpreendentemente comum, mas raramente identificado, e o amor de tais pais não abrange nutrição, cuidados singulares e doação, pois funciona como um mecanismo inconsciente de satisfazer as próprias necessidades às expensas do filho, um fardo pesado demais para crianças pequenas. Diante do papel invertido, elas deixam de receber a proteção adequada, a orientação e a disciplina cabíveis no processo de dependência e amadurecimento e acabam expostas a experiências muito inadequadas à sua idade.

Outro ponto que nos interessa diz respeito ao denominado *terrorismo do sofrimento*, um disparador do trauma muito mais sutil e silencioso, de difícil

apreensão (FERENCZI, 1933/2011). Trata-se de um tipo de tratamento dispensado às crianças no qual elas se veem obrigadas a resolver toda sorte de conflitos familiares, carregando sobre seus frágeis ombros os fardos de todos os membros da família. Em tais casos, as queixas reiteradas da mãe produzem um efeito traumático no filho: ele torna-se um pequeno auxiliar para cuidar dela por toda a vida.

Nos casos de *terrorismo do sofrimento*, a ideia ferencziana é de que a mãe e também outros cuidadores do *infans* agem sem levar em conta os interesses da criança. Ao depositar sobre os seus ombros problemas, lamúrias e dores da vida adulta, aquele que deveria proteger peca no exercício do cuidado e do acolhimento necessários ao crescimento psicologicamente saudável da criança, reproduzindo uma situação de abandono. São mães e pais que subtraem ao filho o direito de se portarem como crianças, convertendo-os em pseudoadultos antes do seu tempo de maturação.

As crianças que têm que se ocupar ativamente do atendimento das necessidades adultas ficam emocionalmente abandonadas, mas presas a essa rede e correm ao socorro dos pais insatisfeitos, pois depositam nas figuras parentais uma espécie de confiança cega em um tempo no qual ainda não lograram desenvolver defesas consistentes contra tal desprazer.

Esses filhos, em razão de uma comoção de ordem moral, tornam-se cuidadores extremados, heroicos, abstinentes dos próprios prazeres e se entregam a uma causa de aparência nobre, como se não houvesse saída, e uma moral superior tivesse uma incidência radical sobre suas vidas.

Nesse particular, cabe citar o caso clínico de Warren (ADAMS; MORGAN, 2007, p. 95-109), que perdera o seu pai quando tinha apenas oito anos de idade em um acidente de carro. Como sua mãe ficou devastada, deprimida e ausente em razão da perda, Warren assumiu suas funções domésticas: ele lavava roupas, colocava seu irmão menor para dormir, acordava-o e o preparava para ir à escola, esquentava o jantar e começou a assumir o papel de um chefe de família. A mãe permanecia alheia, deixando-o sobrecarregado com as tarefas, que ele desempenhava sem reclamar, como uma sina inelutável. Um dia, depois de ter sido escolhido, mediante eleição, para participar da peça da escola, Warren, brincando com a mãe, disse-lhe: “um dia serei presidente!”. Isso foi o bastante para que ela emergisse do seu quadro depressivo e do seu silêncio duradouro, embevecida com a ideia. Começou a reagir e se alimentar e, igualmente, a desabafar com o filho sobre sua solidão, sua frustração e seu desapontamento; falava sobre Deus e sobre a nobreza do sofrimento. Warren queria consolar a mãe, pois ela lhe dizia o quanto ele era valoroso, o que o dei-

xava orgulhoso. Ele se sentiu, ao mesmo tempo, “confuso, mas honrado” (ADAMS; MORGAN, 2007, p. 100) e passou a ser o herói da mãe, seu *menino de ouro*. Começou a ler a Bíblia dela todos os dias e a fazer-lhe companhia sempre, continuou a ajudar na casa e parou de brincar com seus amigos e com seu irmão. Na escola, tornou-se um menino que vivia para agradar os outros, colegas e professores.

Como se verifica, a comoção incidente nesse caso não era de ordem física, mas moral, apresentando-se de forma encoberta por se revestir da condição de algo nobre, caridoso e de alto valor: Warren escolhera ser o cuidador da sua mãe e pagava um preço alto por isso. Parecia impossível conceber a ideia de decepcioná-la de alguma forma e se tornar responsável por uma suposta recaída dela. Desde os oito anos, havia sido usurpado o seu direito de brincar livremente, de falar de assuntos divertidos ou banais, de sorrir sem motivo; enfim, fora usurpada a sua condição de criança. Por outro lado, havia o retorno narcísico por tal dedicação irrestrita; ele era recompensado com os comentários sobre a sua imagem perfeita e irretocável de *menino bom*.

No início da adolescência, porém, achou algumas revistas pornográficas do seu falecido pai, nas quais havia diversas fotos e relatos de relações de dominação, o que foi dando margem à descoberta da masturbação. Warren experimentava grande alívio do peso que carregava durante o dia e a masturbação começou a ter caráter compulsivo, tornando-se um segredo de longos anos, que ele manteve resguardado também da sua esposa quando mais velho.

Warren passou a vida concorrendo a cargos políticos, sempre afastado dos próprios desejos e da família que constituiu, profundamente exausto e ressentido com o andamento da sua vida. Para aguentar, ele vivia todas as noites a fantasia de ser dominado por uma mulher poderosa, masturbando-se compulsivamente. No processo analítico, Warren foi percebendo que a saída masturbatória era uma forma de fugir dos seus sentimentos ambivalentes em relação à mãe, ficando em uma posição passiva na sua fantasia, com uma mulher forte e dominadora no controle. Uma forma de fugir da própria vida – ou de encenar o seu infortúnio noite após noite.

O conceito de represas psíquicas se mostra bastante relevante para a apreciação dos casos clínicos de indivíduos nos quais há o silenciamento sobre o aspecto distorcido da relação com seu genitor e a inacessibilidade à ideia de relação fusional ou *incesto emocional*.

2 – A sexualidade infantil e as represas psíquicas freudianas

Desde o início do século passado, Freud (1905/2016) sustentou a existência de uma sexualidade infantil alicerçada nas experiências corporais do bebê, em razão de cuidados com a sua higiene e dos contatos físicos com o adulto próximo. Partindo do protótipo da amamentação e do prazer do bebê em sugar, Freud descobriu algo além da necessidade do alimento, postulando uma sexualidade ainda nascente, não genital, mas autoerótica, que partiria da meta de conservação. Todavia, em razão do obstáculo à satisfação pela via da genitalidade e das funções reprodutivas submetidas ao adiamento, ele também ressaltou que tais vivências decorrentes dos instintos infantis acabariam por gerar eventuais situações de desprazer, despertando forças reativas contrárias, chamadas de *represas psíquicas* ou *diques*, a exemplo do nojo, da vergonha e da moral.

Em razão da intensificação de tais vivências, a princípio prazerosas e depois desprazerosas, dado o tempo de exposição a elas, haveria um excesso pulsional demasiado para ser suportado pelo corpo infantil e pelo psiquismo imaturo. Daí emergiriam essas *represas*, inscrevendo-se no corpo pulsional como uma forma de representação indireta do transbordamento pulsional.

Para ilustrar clinicamente a ideia freudiana de repulsa como represa psíquica, cabe citar um caso clínico que trata desse reservatório de sensações desprazerosas que não tiveram como escoar em razão da precocidade do indivíduo, mas que têm cunho sexual. O paciente Jim (ADAMS, 2011, p. 113) relata que os elogios que a mãe dirigia ao seu corpo adolescente eram sentidos “*ao mesmo tempo, como sedutores e repulsivos*”, mas o faziam sentir-se especial aos olhos dela. Como filho mais velho de cinco irmãos, com um pai alcóolatra e mulherengo, ele passou a se sentir responsável pela mãe, assumindo o lugar do pai em casa. Nesse papel, acabava sendo agredido pela mãe quando tentava se libertar e sair com amigos, passando então a se ocupar das necessidades dela de forma resignada. Tal fala em análise sobre *sedução e repulsa* fez Jim rememorar o desespero que sentia no vínculo com a mãe e o anseio em encontrar uma namorada para se libertar do claustro familiar.

Como é frequente nos relatos em análise em casos semelhantes ao de Jim, na vida adulta as memórias de tais pacientes sobre as conversas íntimas com seus pais trazem eventualmente a sensação, ora de repulsa, ora de vergonha ou até de nojo, a depender do conteúdo da lembrança, atrelando-se tais afetos a uma certa incompreensão e desconcerto, o que acaba sendo uma forma de exteriorização dessas represas ou diques psíquicos.

Para Ferenczi, “nos momentos em que o sistema psíquico falha, o organismo começa a pensar” (1932/1990, p. 37), o que foi traduzido por Pinheiro (1995) com a ideia de que, na impossibilidade de se fazer uma inscrição psíquica do evento traumático, o corpo passa a armazenar em si uma inscrição sensorial.

A autora ressalva que há casos em que apenas o corpo guarda a lembrança do trauma e, às vezes, isso aparece sob a forma de silêncios ao longo das sessões ou, como dissemos, também pela exteriorização das represas psíquicas. Diz Pinheiro (1995, p. 97) que “são as palavras deste corpo que o analista deverá escutar” porque, em tais situações, “as palavras do trauma, por sua falta de polissemia, passaram a ser feitas de carne”. Tais símbolos mnêmicos corporais, na teoria ferencziana, são marcas das lacunas de memória do paciente traumatizado que vazam pelo corpo em razão da ausência de representação e da possibilidade de simbolização e narrativa.

A bem da verdade, Ferenczi (1909/2011, p. 89) já se mostrava interessado na vinculação e identificação inconsciente entre as funções de *nutrição* e *excreção* com as funções genitais, tais como o coito e o parto, e tratava de uma ligação primitiva bastante intensa entre o corpo e aquilo que não tem acesso à simbolização por sua intensidade de sexualidade inassimilável, e que, por isso, liga-se, por deslocamento, ao somático, causando náuseas, repugnância e vômito, isto é, ele aponta indicativos exteriores e corporais do que Freud denominou de “represas psíquicas”.

Igualmente nos desabafos aos filhos sobre a insatisfação sexual adulta, pais e mães quebram a linha de divisão entre as gerações e são depositados na criança enigmas sobre a sexualidade madura que maculam para os filhos a aquisição de uma prazerosa sexualidade futura. Os prazeres corporais ainda embrionários ligam-se a complexidades, excessos e frustrações muito antes de tais crianças encontrarem o caminho natural e fluido de suas descobertas.

No caso de Henrique⁴, por exemplo, seu pai infringia frequentemente os limites daquilo que se pode compartilhar com uma criança. Sem validar a idade e a imaturidade do seu filho, contava-lhe histórias sexuais e aventuras com mulheres variadas e muito novas, deixando incógnitas indecifráveis para o psiquismo infantil de Henrique, alçado a “melhor amigo” desde que pagasse o alto preço de ouvir detalhes picantes sobre a sexualidade paterna, sobre a irrelevância do romantismo e da fidelidade, além de histórias sobre álcool e drogas que o deixavam “perdido”, segundo relatou. As fronteiras emocionais e psíquicas

4. Nome fictício para preservar o sigilo.

cas entre pai e filho apagavam-se. Henrique chegou à análise com quase 50 anos, após viver inúmeras relações com mulheres, as quais ele não conseguia sequer nomear, chamando-as de “a primeira”, “a segunda”, “a número três” e assim sucessivamente. Contou-me com orgulho que “colecciona” relacionamentos sem “jamais se apegar” e que deixa bem claro para cada mulher que dele se aproxima que “não promete nada”, que não haverá compromisso, nem será íntimo de alguém.

Em tais casos, o aspecto nocivo da relação primitiva fica diluído, mesclado a gestos benéficos de cuidado, amizade e atenção. A agressividade fica reprimida, já que não se pode combater aquele aspecto nocivo que não aparece à luz do dia porque gera erro de percepção.

Para Freud (1914/2016, p. 32), os primeiros objetos sexuais de um recém-nascido são as pessoas que o alimentam e que a ele dedicam cuidados, higiene e proteção, “ou seja, sua mãe ou quem a substitui”. A constituição do eu atrela-se, assim, a vivências apreendidas no corpo como satisfações autoeróticas, em uma mescla entre sensações de prazer e desprazer. A mãe se torna, então, *a primeira sedutora do bebê*, por alimentá-lo, mas também ofertar-lhe cuidados que lhe trazem sensações físicas agradáveis e desagradáveis no corpo. Isso assume uma importância sem paralelo, por posicionar a mãe de forma “inalterável e incomparável, por toda a vida, como o primeiro e mais forte objeto de amor, como modelo de todas as posteriores relações amorosas – em ambos os sexos” (FREUD (1940[1938]/2019, p. 248). Para Freud, apesar de haver clara ênfase no aspecto pulsional, fica nítida a influência dos cuidadores na vida amorosa futura do indivíduo.

A verdade é que, apesar da aceitação cultural e social dos laços corporais íntimos entre pais e filhos, tais limites estão sempre em questão.

Não restam dúvidas de que o poder exercido pelos adultos em relação às crianças pode se tornar excessivo, abusivo e traumatogênico quando o gozo do adulto enseja a exclusão da alteridade da criança. Para alguns genitores parece difícil encontrar uma medida razoável entre certa carga de sedução de um filho para a vida, aliada aos cuidados físicos necessários para sua saúde, e a distância necessária para que o filho possa encontrar um espaço psíquico próprio e estabelecer os limites do seu corpo. A exemplo disso, França *et al.* (2017, p. 157) transcrevem o depoimento da mãe de um paciente esquizofrênico, que confessa com simplicidade e orgulho: “Eu gostava tanto de dar de mamar para ele que, quando ele já estava cheio, eu punha o dedo na sua boquinha e fazia ele vomitar”. Um exemplo da mais profunda tristeza, no qual fica claro que a mãe não é capaz de perceber o seu filho como um sujeito inteiro, que merece

respeito e cuidados singulares. Ele está sendo carregado como um pedaço, como um objeto parcial apto a satisfazer o desejo pessoal materno de amar. O filho é “apagado” pela mãe como pessoa inteira.

Tais casos em que a separação é vivida como aterrorizante abrem espaço para adoecimentos mais graves da criança, a depender do grau de fusão da dupla, variando de alguns estados psicóticos a casos mais comprometidos de esquizofrenia, nos quais pode haver a constituição patológica de um psiquismo para dois.

A rigor, pais que induzem uma relação sexualizada com seus filhos impossibilitam uma discriminação razoável entre os corpos adultos e os infantis e comprometem a separação psíquica, tal como ocorre nos comportamentos invasivos da privacidade do filho, além de demonstrações excessivas de posse e ciúmes como se fossem provas de amor e cuidado.

Na escuta analítica, o que representa, então, o aparecimento de imagens e sensações que veiculam essas represas psíquicas do analisando? Seria um condensado de material traumático a ser desencravado daquele psiquismo e metabolizado pela dupla analítica? Podemos pensar em tais “memórias” e eclosões no *setting* como um demonstrativo “fóssil” de que, lá atrás, algo ficou aprisionado naquele corpo no curso da constituição da sexualidade? Ou, ainda, imaginar que se trata de uma barreira psíquica daquele indivíduo que se sentiu, em algum momento, seduzido e invadido, “amado” demasiadamente, cuidado e tocado além dos limites metabolizáveis por ele? Entendemos que é possível responder positivamente a todas essas questões, que se complementam, apontando para o campo do traumático.

Se formos conceber uma linha do tempo em relação ao conceito de represas psíquicas, podemos pensar que elas remontam a uma ideia anterior, de conotação mais ampla, embora não desenvolvida a fundo por Freud, mas por ele descrita no Projeto de 1895: as “barreiras de contato”.

A ideia de “barreiras de contato” descrita no Projeto já alberga conteúdos teóricos relevantes que posteriormente vêm a ser desenvolvidos por Freud, a exemplo da concepção de um aparelho psíquico (então, neuronal) que tem a propensão *a fugir da dor* causada por um aumento de quantidade de excitação sensorial. Esse aparelho estaria trabalhando constantemente para fazer uma escolha adequada com base na lembrança de acontecimentos anteriores e as “barreiras de contato” regulariam, ora a passagem livre de certos estímulos externos, ora a possibilidade de dificultar ou impedir o trânsito de outros estímulos excessivamente carregados.

As represas ou diques psíquicos descritos em 1905 igualmente fundam-se nessas premissas das barreiras de contato: o aumento da quantidade de excita-

ção sensorial faria o corpo infantil ou adolescente encontrar um mecanismo de defesa de fugir “da dor” e do desprazer, barrando a apreensão consciente de certos estímulos e impedindo total ou parcialmente o trânsito deles. As marcas do vivido, contudo, remanescem como se tivessem sido “arquivadas” em estado bruto, como marcas psíquicas que se repetem em compulsão, em um retorno constante do material clivado, na busca de alguma possibilidade de ligação pela via da simbolização primária e, posteriormente, de alguma narrativa sobre a experiência emocional impressa no corpo que a viveu.

A teoria freudiana vai evoluindo então em direção à elaboração do *modelo de vesícula viva*, quando Freud (1920/2010) concebe a ficção de existência de uma barreira reguladora das excitações do aparelho psíquico. Um excesso de excitação brusco poderia gerar, segundo ele, a quebra do equilíbrio desse escudo protetor, sua invasão, desestabilização ou até mesmo o rompimento da proteção, gerando impacto traumático. A depender da condição singular do indivíduo de lidar com a carga desprazerosa e fazer ligações para representar, o evento poderia vir a se configurar como um trauma, desde que ultrapassada tal capacidade de representação psíquica, fazendo com que a experiência entre na esfera do intraduzível, irrepresentável e não simbolizável.

Acompanhando a linha do tempo, temos então o conceito freudiano embrionário de *barreiras de contato* (FREUD, 1895[1950]/2006), sua delimitação posterior mais específica com a conceituação de *diques* ou *represas psíquicas* (FREUD, 1905/2016), até desembocar na elaboração mais complexa de *vesícula viva* e *escudo protetor do traumático* (FREUD, 1920/2010).

Existe uma ideia muito relevante por trás desses três conceitos: o movimento constante e estruturante de uma barreira à sexualidade invasora que vem dos adultos. Ou seja, um alarme sobre a estranheza da criança diante de aportes sedutores, sexuais ou excessivamente afetivos por parte do adulto já revela um movimento defensivo prévio do sistema psíquico que separa aquilo que pode virar memória consciente daquilo que se aloja no psiquismo como marca psíquica traumática.

As represas psíquicas representam, então, um composto daquilo que os filhos captam como estranho, invasor ou transbordante da pulsionalidade do adulto; são um sinal impresso no corpo de algo que vem do mundo externo e que excede a capacidade de assimilação psíquica por parte de quem recebeu a carga estimulante por demais.

Na escuta analítica, fica bem claro que, além de valores morais e códigos de conduta transmitidos em cada grupo familiar como um legado, há também afetos intensos demais, certas investidas dos adultos no corpo infantil que,

conquanto amorosas na origem, são tão carregadas que geram desprazer, cobranças excessivas e demandas de sacrifícios na primeira infância e adolescência que geram sombras por toda a vida do sujeito. Verdadeiras assombrações que não cessam de retornar, em uma repetição compulsiva de uma matéria muito difícil de simbolizar.

Sem meias-palavras, Pigozzi (2018, p. 105) fala que “o pai ou mãe que se faz adorar abusa do filho” e que, ao impossibilitar o filho de viver sem a sua presença, acaba por comprometer o sentido de todas as suas outras relações, além de mantê-lo ligado a si mesmo sexualmente.

Nos casos que escutamos sobre relações fusionais e sedução silenciosa entre pais e filhos, parece haver indícios claros de duas ideias fundantes, ou melhor, de dois “horrores” subjacentes a tais processos de represa ou barreira – o *horror ao incesto* e o *horror a ser reincorporado pela mãe* – que desempenham importante papel no processo de maturação infantil.

Como dito, tais indivíduos não se sentem abandonados ou traumatizados em um plano consciente. Surgem a repulsa, o nojo, a vergonha e o constrangimento de ordem moral quando tais analisandos rememoram algumas cenas do seu passado como indicativos impressos no corpo e no psiquismo arcaico que valem como pistas do estranhamento do indivíduo em tais cenas com o pai ou com a mãe, indícios de uma vivência traumática que ultrapassou os limites possíveis de decodificação naquela época inicial.

Em alguns casos, já na adolescência aparecem sinais da experiência fusional: depressão, oscilações de humor e ansiedade, problemas de autoestima e nas relações amorosas, disfunções sexuais, desordens alimentares e adições a álcool, drogas, parceiros em série e outras substâncias. São sintomas, estados de ânimo e de dependência que motivam a procura de análise.

Esses indivíduos têm dificuldades em apontar o que teria ocorrido, por terem uma visão idílica do passado, razão pela qual a recuperação da origem de tais problemas acaba dificultada. Há uma negação veemente de que aquela relação de proximidade intensa possa ter causado estragos, visto que ecoa a ideia de terem ocupado um lugar idealizado e especial para o genitor fusional.

Por outro lado, aplicando os conceitos de amor primário passivo e de modalidades de relação de objeto onofílicas e filobáticas de Michael Balint (1959/1987), escutamos que muitos desses indivíduos escolhem a atitude de “agarrar-se” a um ponto de segurança, normalmente o ente materno, privando-se de uma experiência potente de exploração do mundo. O que faria então prevalecer a tendência de tais filhos a se agarrarem ao ente fusional (ímpeto

ocnofílico)? O que os impediria de irem no sentido oposto, seguindo o impulso de emancipação?

Figueiredo, Tamburrino e Ribeiro (2012, p. 121), de forma precisa, destacam: “segurança e morte podem se irmanar nessa atração fatal pelo objeto primário e pelos seus sucedâneos diretos” e nos casos de tais relações fusionais é disto que se trata: faz-se uma ligação tanática em nome da segurança e de desejos inconscientes de manter uma relação diádica exclusiva e privilegiada, e, como consequência, restam usurpadas as experiências potentes do filho aprisionado nessa teia.

3 – A escuta psicanalítica das relações fusionais

Como pensar na escuta do analista em casos clínicos de relações fusionais?

Nesses casos, pensar que a meta do processo analítico seria tão somente a de fazer a função de corte do vínculo fusional ou voltar-se o analista a fazer interpretações direcionadas à finalidade da separação seria empobrecer um campo de alta complexidade, até porque testemunhamos uma tessitura muito delicada entre os desejos inconscientes de tais filhos e seus genitores, não havendo exatamente culpados e vítimas, mas engrenagens montadas de forma a preservar o emaranhado fusional, como se houvesse questões de vida ou morte encenadas. O analista é confrontado, assim, com essas duas demandas contraditórias: a demanda de separação do ente fusional e um empuxo da resistência a tal separação, experimentada como um tipo de morte ou aniquilamento.

Relembremos também do quanto ficou escrito em *Análise terminável e interminável* (FREUD, 1937/2018, p. 276), no sentido de que a remoção, pelo corpo de bombeiros, de uma lâmpada de petróleo responsável pela chama de um incêndio, não seria suficiente para resolver a questão do fogo já iniciado. Ali Freud nos ensina que a suspensão das repressões que geravam os sintomas neuróticos, por si só, mostrava-se ineficaz para a resolução de conflitos subjacentes. Com o uso dessa metáfora, Busch (2017, p. 10-12) alerta para uma questão fundamental quanto ao método psicanalítico, relacionando os resultados suficientemente bons de uma análise à possibilidade de se estabelecer tentativas de “transformar o que ainda não está representado em algo potencialmente representável, substituindo a inevitabilidade da ação pela possibilidade da reflexão”.

Nos casos aqui narrados, as relações fusionais não reconhecidas por seu caráter encoberto, acabam por gerar como saída a inevitabilidade da ação – e

não apenas da ação, mas da compulsão a repetir alguns atos obsessivamente, usar substâncias como meios entorpecedores, firmar relações adictivas em série e outras tantas saídas compulsivas, sem que esteja aliada a essa repetição uma possibilidade de reflexão, o que terá a potencialidade de se efetivar no curso da análise.

Meira (2021, p. 87) nos dá uma diretriz sobre o campo estreito em que trabalharemos na escuta de tais casos, afirmando que “muitas vezes, seremos nós, analistas, o primeiro objeto estrangeiro a ingressar no apertado espaço da dualidade, onde mal cabem dois”.

Nas relações fusionais, será então requerida do analista uma capacidade de escutar dores derivadas de algo já vivido, mas não necessariamente sentido, de traumas ocorridos na origem daquela constituição que não foram representados e metabolizados, mas que pedem ingresso no psiquismo do indivíduo. O início da luta árdua sobre a historicização do vivido e a escuta de um terceiro já possibilita a entrada do ar por uma fresta onde antes havia apenas sufocamento.

Como as situações fusionais são enlances patológicos que comprometem o sentimento vital de uma identidade separada (McDOUGALL, 2000), a meta será a de fazer eclodir alguma transformação na vida daquele que chega sem saber de si, sem vida emocional própria.

Por outro lado, Freud (1917/2014, p. 382) também nos lembra de que “todo aquele que, sofrendo de uma dor de dente insuportável, vai ao dentista, terá querido segurar o braço que aproxima o alicate do dente”, o que nos faz pensar nas forças resistenciais do inconsciente do filho que comparecerão à cena analítica, as quais irão fazer aliança com as resistências montadas na realidade externa pelo genitor fusional quando ele começar a tomar ciência das modificações decorrentes do processo de análise e passar a contestá-las diante dos efeitos produzidos pelos primeiros sinais de afastamento da dupla antes tão misturada.

Em tais casos, aquele que deveria se retirar insistiu em permanecer, em se enraizar como uma trepadeira na vida psíquica do filho escolhido (e encolhido); insistiu em tomar posse da sua construção identitária, impedindo novas ramificações rumo a relações objetais exogâmicas.

Se, por um lado, muitos desses filhos mencionam o encantamento quanto à memória de ocupação desse lugar, de ser “tudo para um outro”, mãe ou pai, ainda que na fantasia, por outro lado, porém, sentem que sua história pessoal foi invadida, seu território psíquico foi pilhado e surrupiado e não conseguem se sentir autores de um caminho desejante próprio. Em tais casos faltou o ter-

ceiro, faltou o corte, faltou a quebra do laço incestuoso, do vínculo invasivo, emaranhado e confuso. Passados muitos anos, às vezes décadas, entrou em cena alguém que não faz parte da dupla: a figura do analista.

O enquadre analítico pode vir a funcionar então como um continente silencioso, como uma moldura que favorece e delimita um campo de trabalho psíquico com vistas a permitir que o analisando faça contato com sua realidade psíquica de modo estendido no tempo, em um constante movimento de forças transferenciais e contratransferenciais operando conjuntamente. O analista e o enquadre analítico estarão, por isso, a serviço dessas formações intermediárias rumo à simbolização, ou seja, atuação nessa terceira área ou espaço potencial – o analista como guardião; o enquadre analítico como estrutura – com vistas a viabilizar esse trânsito entre o Eu e o outro, a realidade interna e a externa, o passado e o presente.

A análise, nesses casos, teria a natureza de uma possível margem de esperança, como um campo terceiro que pode propiciar, então, a entrada em contato com tais aspectos cindidos do vínculo fusional, para que o indivíduo que vivia um tempo suspenso estabeleça uma narrativa que possa movimentar esse circuito temporal em um ritmo que não o aniquile, mas que seja suficientemente distante e protegido para que ele possa fazer contato psíquico com a sua história.

Fazer análise pode ser então um recomeço, para que tais filhos coloquem em ação paulatinamente tentativas de, enfim, escolher em nome próprio relações mais genuínas e potentes e não, obedientes ou subservientes, já que não foi possível fazê-lo na relação primeira, com o pai ou a mãe, a quem seguiram em fé cega ou credulidade irrestrita. Os novos vínculos depois desse recomeço poderão, em tese, ser escolhidos e não impostos e nem depositos pelo genitor.

A análise pode desdobrar-se rumo a um caminho inaugural, vocacionado à tentativa do analisando de tecer pouco a pouco um *corpo próprio*, não invadido por pulsões externas irrepresentáveis, construir passo a passo um *psiquismo próprio*, sem o temor da intrusão dos ditames dos seus cuidadores, e assumir uma *voz própria*, o que lhe permitirá ouvir alguns dos seus timbres nunca antes pronunciados e sequer escutados em razão de uma falta de identidade pessoal muito arraigada desde os primeiros tempos.

Para tanto, a dupla analítica há de dar um mergulho profundo em margens desconhecidas, ameaçadoras e, às vezes, muito estreitas; há de trilhar pelas histórias de famílias claustrofílicas, permitindo que o que era antes um cativo ou uma sombra do passado possa ir sendo iluminado aos poucos, facultando que aquilo que era apenas manifestação corporal, ou mera repeti-

ção em ato compulsivo de um sofrimento arcaico alojado no psiquismo, seja contornado pela palavra, pelo limite, pela simbolização. O analista atento e curioso, mas não afoito e apressado, ocupará aí um lugar de sustentação, de espera e de aposta no aparecimento de uma subjetividade mais inteira e menos fragmentada; o lugar de um terceiro elemento nesse emaranhado relacional.

Escutar em análise tais indivíduos abrange um período de migração de um ponto de partida de certa indiferenciação com seus genitores rumo à conquista de alguma diferenciação e autonomia pela via do processo de escuta. É preciso, portanto, dispor do tempo como um aliado, construir novos ritmos de interação e esperar pela maturação do processo de simbolização da “história da relação fusional”, ou seja, esperar que o tempo possa decantar vagarosamente a ideia de que aquilo que, ilusoriamente, parecia ter sido um privilégio, pode ter sido, na verdade, um estado de privação vivido de forma estendida no tempo, sob a roupagem da dupla perfeita, dos melhores amigos, do sacerdócio, da devoção, do sacrifício, mas que, no fundo, gerava as sequelas de um abandono traumático.

Tramitação

Recebido 16/02/2023

Aprovado 26/07/2023

Referências

- ADAMS, K., *Silently seduced: when parents make their children partners*. Deerfield Beach, Florida: Health Communications Inc, 2011.
- BALINT, M. (1959). *Thrills and regressions*. London: H. Karnac Books Ltd, 1987.
- BUSCH, F. *Criar a mente psicanalítica: teoria e método psicanalítico*, Kultur. Tradução de Tânia Maria Zalcberg. São Paulo: Ed. Escuta, 2017.
- FERENCZI, S. (1909). *Transferência e introjeção*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 87-123. (Obras completas Sándor Ferenczi, 1).
- _____. (1928). *A adaptação da família à criança*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. (Obras completas Sándor Ferenczi, 4).
- _____. (1929). *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. (Obras completas Sándor Ferenczi, 4).
- _____. (1932). *Diário clínico*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

- _____. (1933). *Confusão de línguas entre os adultos e a criança*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. (Obras completas Sándor Ferenczi, 4).
- FIGUEIREDO, L. C.; TAMBURRINO, G.; RIBEIRO, M. In: *Balint em sete lições*. São Paulo: Ed. Escuta, 2012.
- FRANÇA, C.; MATOS, D.; NOVAIS, G.; RAMOS, M. Um excesso que não se vê: a erotização do corpo da criança pela mãe. In: *Ecos do silêncio*. Reverberações do traumatismo sexual. São Paulo: Ed. Blucher, 2017, p. 153-168.
- FREUD, S. (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 13-172. (Obras Completas, 6).
- _____. (1914). *Introdução ao narcisismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 13-50. (Obras Completas, 12).
- _____. (1917). *Conferência 19: resistência e repressão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. (Obras Completas, 14).
- _____. (1920) *Além do princípio do prazer*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras Completas, 14).
- _____. (1937). *Análise terminável e interminável*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. (Obras Completas, 19).
- _____. (1940[1938]). *Compêndio de psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 189-273. (Obras Completas, 19).
- _____. (1895[1950]). *Projeto para uma psicologia científica*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. pp. 335-454. Introdução do editor inglês. Tradução de José Luiz Meurer. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).
- LOVE, P.; ROBINSON, J., *The emotional incest syndrome: what to do when a parent's love rules your life*. New York: Bantam Books, 1991.
- MAHLER, M. (1975). *O nascimento psicológico da criança: simbiose e individuação*. Tradução de Jane Araújo Russo. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1993.
- MCDUGALL, J. *Teatros do corpo: o psicossoma em psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- MEIRA, A. C. S. *Histórias de captura: nvestimentos mortíferos nas relações mãe e filha*. São Paulo: Ed. Blucher, 2021.
- PIGOZZI, L. *Meu filho me adora: filhos reféns e pais perfeitos*. São Paulo: Buzz Editora, 2018.
- PINHEIRO, T. *Ferenczi: do grito à palavra*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/Editora UFRJ, 1995.